

ANA CARLA ABRÃO



E-MAIL: ANAAC@UOL.COM.BR

Cedae: antes tarde (e bem) do que nunca

Tudo começou em maio de 2016, há exatos cinco anos. O Rio de Janeiro, de joelhos, encaminhou à Secretaria do Tesouro Nacional (STN) seu fluxo de caixa mostrando uma deficiência estrutural de recursos e solicitando (mais um) socorro.

Desde o fim de 2015 o Estado do Rio agonizava, com serviços essenciais em colapso, interrupção no pagamento dos serviços da sua dívida com a União e com organismos multilaterais e atraso nos salários e aposentadorias de servidores públicos. A ilusão do Rio maravilhosos da Olimpíada se esvaíu assim que foram apa-

gadas as luzes da cerimônia de encerramento de um Maracanã em festa, ao fim de agosto de 2016. Menos de um mês depois, por ofício, a STN comunicava ao governador a visita da missão técnica que avaliaria a situação fiscal do Rio. A partir dali foi só derrocada, expondo-se as vísceras de um Estado quebrado financeira e moralmente. O diagnóstico foi apresentado em relatório em janeiro de 2017 que mostrava uma situação de terra arrasada. Nesse caos, a maior vítima era o cidadão fluminense.

Com base nesse diagnóstico e em um conjunto de sugestões de ajuste, iniciaram-se os trâmites para a adesão do Estado do Rio ao Regime de Recupe-

ração Fiscal (RRF), criado para fornecer aos Estados com desequilíbrio financeiro grave instrumentos para o ajuste de suas contas. O plano de recuperação do Rio foi aprovado em setembro desse mesmo ano. Dele constava a privatização da Cedae. Os recursos resultantes da alienação das ações seriam obrigatoriamente utilizados para pagamento de uma nova operação de crédito de R\$ 3,5 bilhões. O saldo remanescente seria destinado ao abatimento de outras dívidas refinanciadas ou garantidas pela União.

Entre idas e vindas, ameaças de federalização da companhia e de perda do regime de recuperação fiscal, intervenções atabalhoadas da Alerj ignorando as vedações do plano de ajuste e decisões do STF indo de encontro à responsabilidade fiscal, o BNDES continuou trabalhando na modelagem do leilão. Projeto iniciado, mais uma vez, nos idos de 2016 sob a batuta da então presidente Maria Sílvia Bastos Marques, que colocou o saneamento no topo da agenda de relacionamento do banco com os Estados, e tocado com extrema competência pelos técnicos do BNDES.

Para ajudar, no meio do caminho

veio a aprovação da Lei nº 14.026/2020, o novo marco do saneamento. Com o objetivo de promover, por meio de avanços que permitam o aumento da participação privada no setor, a universalização dos serviços até 2033, a nova lei abre espaço para os contratos de concessão e torna obrigatória a abertura de licitação. Avançou-se assim na direção de reverter a escassez de investimentos que foi responsável por um quadro inaceitável, que nega a mais da metade dos brasileiros o acesso à coleta e tratamento de esgoto.

O leilão foi um sucesso. Apesar daqueles que trabalharam contra até o último minuto, em particular os deputados estaduais do Rio, sempre prontos a aprofundar as mazelas do mais icônico dos Estados brasileiros, e os juizes de plantão no apoio a movimentos que até hoje saem às ruas para arremessar ovos em qualquer um. Há ainda os que buscaram se alavancar politicamente, sem nada terem feito. Cabe reconhecer que ao menos não atrapalharam. No Brasil de hoje isso já é bastante.

Mas a lição que fica é que boa regulação, perseverança, técnica e decisões políticas consistentes são os ingredien-

tes necessários para que avancemos. Isso leva tempo e não é obra de um governo e sim de um trabalho coordenado, demorado e persistente, que por vezes avança até mesmo em meio ao retrocesso.

Agora é torcer para que os investimentos que vão ressurgir num Rio de Janeiro arrasado abram caminho para vários outros no setor. Não será surpreendente se isso significar a antecipação no atingimento da meta de universalização dos serviços de água e esgoto no Brasil antes mesmo de 2033. Isso terá impactos relevantes de saúde pública, mas mais do que isso, representará final e tardiamente a criação de condições humanitárias mínimas para a nossa população carente.

*Agradeço a Joisa Dutra pelos esclarecimentos e contribuições. Opinião, erros e omissões, como sempre, são de responsabilidade da colunista.

* ECONOMISTA E SÓCIA DA CONSULTORIA OLIVER WYMAN. O ARTIGO REFLETE EXCLUSIVAMENTE A OPINIÃO DA COLUNISTA

SEG. Luiz Carlos Trabuco Cappi (quínzenalente) | TER. Ana Carla Abrão, Pedro Fernando Nery e Demi Getschko (quínzenalente) | QUA. Fábio Alves | QUI. Adriana Fernandes | SEX. Elena Landau e Laura Karpuska (revizam quínzenalente) e Pedro Doria | SAB. Adriana Fernandes | DOM. José Roberto Mendonça de Barros (quínzenalente) e Afonso Celso Pastore (quínzenalente); Paulo Leme (1º domingo do mês), Roberto Rodrigues (2º domingo do mês), Albert Fishlow (3º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

The Economist

Expansão após pandemia: o que a história mostra

As pessoas gastam mais, ajudando a recuperar empregos, assumem mais riscos e exigem mais dos políticos

A pandemia de cólera no início dos anos 1830 atingiu a França com força. Dizimou cerca de 3% dos parisienses em um mês, e os hospitais ficaram lotados de pacientes cujas aflições os médicos não conseguiam compreender. O fim da praga ocasionou uma retomada da economia, e a França seguiu o Reino Unido na revolução industrial. Mas qualquer pessoa que tenha lido Os miseráveis sabe que essa pandemia também contribuiu para um outro tipo de revolução. Mais prejudicados pela doença, os pobres avançaram contra os ricos, que haviam fugido para suas casas de campo para evitar o contágio. A França testemunhou instabilidade política nos anos que se seguiram.

Hoje, mesmo com a covid-19 devastando países mais pobres, a parte rica do mundo está à margem de um boom pós-pandemia. Governos estão suspendendo impedimentos à circulação das pessoas à medida que as vacinações reduzem a quantidade de hospitalizações e mortes decorrentes do vírus. Muitos analistas preveem que a economia dos Estados Unidos crescerá mais de 6% este ano, ao menos quatro pontos percentuais mais rapidamente do que no período pré-pandemia.

Outros países também tendem a um crescimento rápido e incomum. A situação é tão inusitada que economistas estão se voltando à história para saber o que esperar. Os registros sugerem que, após períodos de grandes perturbações não financeiras, como guerras e pandemias, o PIB retorna aos níveis anteriores. Primeiro, ainda que as pessoas queiram sair de casa e gastar dinheiro, a incerteza persiste. Depois, as crises encorajam as pessoas a encontrar novas maneiras de fazer as coisas, o que apruma a estrutura da economia. E, finalmente, conforme demonstram Os miseráveis, a agitação política frequentemente se segue,

com consequências imprevisíveis para a economia.

Comecemos pensando no gasto dos consumidores. Registros de pandemias anteriores sugerem que, durante as fases agudas, as pessoas se comportam da mesma maneira que se comportaram no ano passado em relação à covid-19, economizando dinheiro à medida que as oportunidades de gastar se esvaem. Na primeira metade da década de 1870, durante um surto de varíola, a taxa de poupança nos lares britânicos dobrou. A taxa de poupança no Japão mais que dobrou durante a 1.ª Guerra. Em 1919 e 1920, quando a gripe espanhola se disseminou, os americanos guardaram mais dinheiro no colchão do que em qualquer outro ano até a 2.ª Guerra.

Guia. A história também oferece um guia a respeito do que as pessoas fazem uma vez que as coisas voltam ao normal. Elas gastam mais, o que ocasiona uma recuperação no emprego, mas não há muita evidência de excessos. A noção de que as pessoas celebraram o fim da peste negra com “fornicação selvagem” e “regozijo histórico”, como supõem alguns historiadores, é (provavelmente) apócrifa. Um estudo recente do banco Goldman Sachs estima que, entre 1946 e 1949, os consumidores americanos gastaram somente cerca de 20% do que pouparam. Esses gastos extras certamente contribuíram para o boom do pós-guerra, apesar de os boletins mensais de “situação econômica” do governo a partir da segunda metade da década de 1940 estarem repletos de preocupações a respeito de uma iminente desaceleração (e a economia de fato entrou em recessão entre 1948 e 1949).

A segunda grande lição dos booms pós-pandemias é relacionada ao “lado da oferta” na economia – maneiras e locais de produção de mercadorias e serviços. Apesar de as pessoas parecerem menos propensas a frivolidades após uma pandemia, algumas podem ficar mais dispostas a tentar novas maneiras



Estudo. Pandemias evidenciam e acentuam desigualdades preexistentes, elevando risco de agitação social

de ganhar dinheiro. Historiadores acreditam que a peste negra conferiu mais ousadia aos europeus. Embarcar em um navio a vela para desbravar novas terras parecia menos arriscado quando tantas pessoas morriam em suas casas. De fato, um estudo do Escritório Nacional de Pesquisa Econômica dos EUA publicado em 1948 constatou que o número de novas empresas explodiu a partir de 1919.

Quando estourou a Segunda Guerra, os lares acumularam de 1941 a 1945 poupança equivalente a 40% do PIB

Outros economistas estabelecem ligação entre pandemias e uma outra alteração no lado da oferta na economia: o uso de tecnologia que prescinde de mão de obra. Chefes podem querer limitar a disseminação da doença, e robôs não adoecem. Um estudo do FMI analisa vários surtos recentes de doenças, incluindo ebola e Sars, e constata que “pandemias aceleram a adoção de robôs, especialmente quando o impac-

to na saúde é severo e é associado a uma queda significativa na economia”.

Se a automação rouba ou não o emprego das pessoas, porém, é outra questão. Algumas pesquisas sugerem que os trabalhadores, na verdade, se beneficiam após as pandemias. Um estudo do Federal Reserve Bank de São Francisco constata que as remunerações reais tendem a aumentar. Em alguns casos, isso ocorre por meio de um macabro mecanismo: a doença mata trabalhadores, deixando os sobreviventes em uma posição melhor para negociar o valor dos salários.

Em outros casos, porém, aumentos nos ganhos são produto de mudanças políticas: a terceira grande lição dos booms históricos. Quando grande parte da população sofre, a iniciativa política se volta para os trabalhadores. É o que parece estar acontecendo: formuladores de políticas de todo o mundo estão mais interessados em diminuir o desemprego do que em reduzir dívida pública ou evitar inflação. Um novo estudo de três acadêmicos da London School of Economics também constata que a covid tornou os habitantes da Europa mais avessos à desigualdade.

Em alguns casos, tais pressões detonaram a desordem política. Pandemias evidenciam e acentuam desigualdades preexistentes, fazendo com que os menos favorecidos busquem reparação. Uma pesquisa recente do FMI leva em conta o efeito de cinco pandemias, incluindo ebola, sars e zika, em 133 países desde 2001. E constata que elas ocasionaram um aumento na agitação social. “É razoável esperar que, quando a pandemia desaparecer, a agitação volte a emergir em localidades onde existia anteriormente”, escrevem pesquisadores em um outro estudo do FMI. As agitações sociais parecem atingir picos dois anos após o fim das pandemias. Aproveite o próximo boom enquanto ele durar. Em breve poderá haver uma reviravolta na história. / TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL

* © 2021 THE ECONOMIST NEWSPAPER LIMITED. DIREITOS RESERVADOS. PUBLICADO SOB LICENÇA. O TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS ESTÁ EM WWW.ECONOMIST.COM

EMBRAESP
www.embraesp.com.br
contato@embraesp.com.br
(11) 3665-1590
(11) 99913-5823
(11) 99524-5823

GEOEMBRAESP
Lançamentos IMOBILIÁRIOS

- Conheça empreendimentos lançados;
- Compare oportunidades, tipologias e valores;
- Avale os preços das unidades novas;
- Crie estratégias de vendas para seus negócios;
- Saiba quem são os protagonistas do setor.

Solicite uma apresentação!

BANCO SOFISA S.A.
CNPJ/ME nº 60.889.128/0001-80 - NIRE 35.300.100.638
Extrato da Ata de Reunião do Conselho de Administração

Data, Hora, Local: 29.09.2020, às 11 horas, na sede social, Alameda Santos 1.496, São Paulo/SP. **Presença:** Quórum suficiente para a instalação da Reunião do Conselho. **Mesa:** Gilberto Maktas Meiches – Presidente, Antonio Carlos Feltosa – Secretário. **Deliberações Aprovadas:** A eleição de **Fabrizio Costa Angelin**, brasileiro, casado, administrador de empresas, RG 27.744.958-3-SSP/SP, CPF/ME 300.311.938-97, com endereço comercial em São Paulo/SP, para o cargo de Diretor sem designação específica, com prazo de mandato até a RCA que suceder a AGO do ano de 2022. Dessa forma, a Diretoria da Sociedade ficará assim composta até a RCA que suceder a AGO a ser realizada no ano de 2022: Diretor Presidente **Alexandre Burnian**, brasileiro, casado, administrador de empresas, RG 11.552.930/SSP/SP, CPF/ME 148.785.288-69; Diretores: **Diaulas Morize Vieira Marcondes Júnior**, brasileiro, casado, engenheiro mecânico, R.G. 5.726.106-4/SSP/SP, CPF/ME 010.673.678-70; **Fabrizio Costa Angelin**, brasileiro, casado, administrador de empresas, RG 27.744.958-3-SSP/SP, CPF/ME 300.311.938-97; **Gabriel Miguel Cezar**, brasileiro, casado, administrador de empresas, R.G. 30.081.850-6/SSP/SP, CPF/ME 333.106.348-76; **José Manuel Barbosa da Silva**, português, casado, bancário, RNE V556781-A PF/DE, CPF/ME 011.365.199-63 e Diretora **Silvia Scorsato**, brasileira, casada, advogada, R.G. 22.700.366-4/SSP/SP, CPF/ME 252.413.478-44, todos com endereço comercial em São Paulo/SP. Permanecem vagos os demais cargos da Diretoria. **Fabrizio Costa Angelin** declara, sob as penas da lei, que não está impedido de exercer atividades mercantis. Referência declaratória está arquivada na sede do Banco, observada a sua apresentação ao Banco Central do Brasil, nos termos da regulamentação em vigor. A eficácia das deliberações está condicionada à homologação deste ato pelo Banco Central do Brasil. A posse e investidura no cargo de Diretor dar-se-á por assinatura do “Termo de Posse”, após a aprovação deste ato pelo Banco Central do Brasil. **Encerramento:** Nada mais. Gilberto Maktas Meiches – Presidente. JUCESP 171.241/21-6 em 16.04.2021. Gisela Simiema Ceschin - Secretária Geral.

Um jornalismo que você pode ler, assistir, ouvir, compartilhar e dialogar.

JÁ PENSOU?

ESTADÃO
VEM PENSAR COM A GENTE